



## MEMÓRIAS DE LEITURA DE PROFESSORES-ESTUDANTES DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL <sup>1</sup>

**Sandra Regina de Melo Soares**

Professora – Licenciada em Educação, Ciências, Matemática e Linguagens IEMCI/UFPA.

*SEMED/MÃE DO RIO (PA) e IEMCI/UFPA.*

srdms@bol.com.br

**Daniele Dorotéia Rocha da Silva de Lima**

Doutora em Ensino de Ciências e Matemática IEMCI/UFPA.

*SEMEC/Belém (PA) e IEMCI/UFPA.*

danieledoroteia@gmail.com

### Resumo:

A formação de professores que contribua com processos formativos de leitura nos anos iniciais vem se constituindo um desafio para a educação brasileira, considerando a criança como sujeito histórico-cultural, por estar inserida nas tramas e contradições sociais, aprendendo e se constituindo neste tempo-espço de interações. As memórias de professores-estudantes são evocadas e registradas através das lembranças dos tempos de infância sobre a sua própria trajetória no mundo da leitura, a partir de um estudo realizado no eixo de Alfabetização e Letramento I, do curso de graduação em Licenciatura Integrada em Educação, Ciências, Matemática e Linguagem, PARFOR/UFPA. O objetivo foi analisar as histórias de leitura reveladas nos relatos escritos dos professores que atuam nos anos iniciais do E.F. Com base nos estudos de SOUZA (2006) e JOSSO (2002) empreitou-se esforços na reconstrução das lembranças e na busca de sentidos expressos nos saberes docentes que possibilitassem um novo olhar para atuação pedagógica frente à alfabetização. O resultado mostrou elementos significativos na relação dos professores com a leitura em seu desenvolvimento humano, possibilitando uma ação reflexiva sobre as futuras práticas de leitura e rever posturas e práticas junto às crianças neste período tão peculiar para o seu desenvolvimento, quando aprendizagens no campo da leitura são organizadas como oportunidades que se concretizam em experiências formativas.

**Palavras-Chave:** Leitura. Formação. Professores. Aprendizagem.

### Introdução

Estudar os modos de aprender e modos de ensinar revelados nas narrativas de professores-estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental foi o que motivou este trabalho. Considerando que os mesmos passam pelo processo de formação inicial a partir de cursos ofertados pela Plataforma Freire – PARFOR, no curso de Licenciatura Integrada em Educação, Ciências, Matemática e Linguagens (LECML), da Universidade Federal do Pará (UFPA).

A temática da Alfabetização e Letramento é bastante discutida no curso e este trabalho traz algumas reflexões sobre o processo de alfabetização vivenciado pelos professores-estudantes,

---

<sup>1</sup> Trabalho curricular desenvolvido em uma turma do PARFOR- Licenciatura Integrada em Educação, Ciências, Matemática e Linguagens.



lembranças de seus processos de aquisição da leitura que, geralmente, podem servir de referência em suas práticas docentes. Nessa perspectiva, o objetivo deste artigo foi analisar as histórias de leitura reveladas nos relatos escritos e socializados dos professores que atuam nos anos iniciais do Ensino Fundamental e estão em processo de formação inicial.

Utilizamos as narrativas destes estudantes-professores trabalhados desenvolvidos no Eixo Alfabetização e Letramento I, ao cursarem seu primeiro semestre. Todos já atuando em sala de aula do Ensino Fundamental, nos anos iniciais nas Redes Públicas Municipais de Ensino. As narrativas foram escritas como memórias a partir do questionamento: Quais as lembranças de leitura que você tem do seu início de escolarização? O que marcou esse processo?

As narrativas escritas apresentam-se como um convite à revisitarem suas memórias pessoais à luz dos novos saberes adquiridos na licenciatura, considerando que o mesmo proporciona uma proposta de formação inicial que valoriza a história de vida dos docentes e produz ações com significados para estes sujeitos, com foco na reflexão de seus saberes e fazeres pedagógicos. A contribuição teórica e metodológica desse processo, quando bem explorado, possibilita um mergulho no processo de formação dos professores com base na experiência do sujeito, enquanto fonte de formação e conhecimento (JOSSO,1999).

Ao refletir sobre o segundo princípio do Projeto Pedagógico do Curso, no qual se propõe a valorização do *conjunto de conhecimentos que o aluno possui de suas vivências e experiências como sujeito cultural*. GONÇALVES (2012, p.13) destaca que esta perspectiva, tanto diz respeito à consideração dos conhecimentos prévios dos alunos, quanto à socialização das *vivências e experiências* que os alunos em formação vão desenvolvendo durante o percurso formativo.

Concordamos com NÓVOA (1992) e JOSSO (2004) que as aprendizagens pessoais e profissionais dos professores são ressignificadas nas narrativas como fonte de diálogos, práticas e saberes que emergem de suas vivências, das experiências por eles construídas e reconstruídas ao longo de sua atuação docente. E ainda, compreendemos com BRANDÃO (2002), que a partir da reconstrução da memória de cada indivíduo, seja ela resgatada pelas histórias de vida ou da vida escolar, pode-se estar descobrindo e identificando as relações que tais indivíduos estabelecem consigo mesmos e com o conhecimento.

### **Modos de pensar o ato de ler**



O modo de pensar a leitura, nas últimas décadas, teve um novo olhar, situou o texto e seu leitor em seu real papel de acordo com o modelo interativo, considerando que ler é um processo de interação entre a escrita e o leitor, direcionado pelos propósitos do leitor. Neste aspecto, o ensino da leitura prima pela compreensão do que foi lido, valorizando o conhecimento do código, a interação e as atividades significativas de leitura. Concordamos com SOLÉ (1998) que a leitura é um processo através do qual se compreende a linguagem escrita.

É importante recordar outros modos de pensar a leitura como nos modelos centrados no texto, no qual ensinar a ler equivalia a ensinar a decodificar o texto. Já nos modelos centrados no leitor se negava o ensino do código, ou este assumia um lugar secundário e todos os esforços eram destinados, apenas, a potencializar as descobertas e hipóteses do leitor. Faz-se mister destacar que os trabalhos desenvolvidos sobre aquisição da leitura e da escrita (FERREIRO & TEBEROSKY, 1979; SOLÉ, 1992), contribuíram para se construir essa nova perspectiva interacionista de ensino da leitura, considerando que ler se aprende lendo e que, portanto, os alunos resignificam o ato de ler quando lançam mão de vários meios para sua aprendizagem.

A nova forma de pensar a leitura ampliou significativamente a visão desta, seja no modo de concebê-la como nas implicações de seu ensino. Assim, ler é compreender e para isso, faz-se necessário utilizar o código escrito com desenvoltura e em situações contextualizadas e significativas de leitura. Não se discute, também, que se lêem diferentes textos por diferentes objetivos e, ainda, que na escola essa diversidade textual deve ser explorada. Tais mudanças influenciaram significativamente o modo de se conceber a leitura, bem como os meios através dos quais o ensino contribui para sua aprendizagem. De acordo com SOLÉ (1992), ler é um processo cognitivo complexo, que ativa estratégia de alto nível naquele que lê. Logo, não é um ato mecânico, exige um comprometimento efetivo e ativo do leitor.

Nessa perspectiva se destaca a importância das memórias vivenciadas pelos professores em suas histórias da aquisição de leitura, nos tempos em que eram estudantes e iniciavam os seus processos de escolarização. Tais relatos serão apresentados a partir de fragmentos dos relatos analisados pelos pesquisadores, a luz dos teóricos estudados.

### **Modos de lembrar o processo de aquisição da escrita**

As narrativas dos professores-estudantes sobre a aquisição da leitura destacam os primeiros contatos que eles tiveram com a escola formal, as experiências antes e durante o ingresso na sua



vida escolar, em especial como se deu esse processo. Nesse olhar para o seu processo de aprender a ler, os professores revisitaram conceitos e concepções por eles vivenciados, enfatizando aquilo que foi mais significativo para cada um deles. De acordo com JOSSO (2004) o ato de narrar a sua história dá possibilidade ao sujeito de construir um constante diálogo interior, põe em evidência os recursos experienciais acumulados e as transformações identitárias que o mesmo construiu no decorrer de sua vida. Por isso, utilizar a narrativa escrita na formação do professor leva-o a se comprometer com o entendimento de si mesmo, com o resgate de sua trajetória pessoal e profissional. E, grifo nosso, possibilita um repensar sobre o ato de ensinar.

Trecho dos relatos analisados: *“A professora começava a dar a lição, aquele que não acertava teria que lavar o banheiro, era muito traumatizante, principalmente porque eu gaguejava muito e, praticamente, quase todo dia eu tinha que lavar o banheiro. Isso foi me deixando uma criança triste e tímida num ponto que não queria ir mais para escola” (SIL, 23.01.14).*

*“Quando a professora entrava na sala ela perguntava: Estudaram a lição? Já sabem se errarem uma palavra vão levar palmatória. E eu morrendo de medo dela me chamar primeiro e parece que era marcação e aí ela me chamava...” (ROZI, 23.01.14).*

*“A professora usava a Cartilha do ABC, ela falava que eu tinha que aprender todas as letras do alfabeto, quando eu não decorava, ela me botava de castigo, batia em minhas mãos com uma palmatória” (ERVI, 23.01.14).*

As lembranças do processo de alfabetização, ainda, estão muito fortes em suas memórias, foi o que pudemos perceber nas narrativas. Visto que a maioria mencionou que este período vivenciado, foi marcado por castigos e punições o que nos possibilita inferir que as professoras-estudantes frequentavam escolas que adotavam uma Concepção Tradicional de Ensino, na qual o importante era a bagagem de informação adquirida nas aulas expositivas, carregadas de exercícios sistematizados para a memorização.

Tal postura traz em seu bojo uma concepção do ensino da língua como um código pronto e acabado, o texto, apenas soma de palavras e a leitura somente a decodificação e confirmação de um sentido previamente estabelecido pelo autor. Portanto, o ensino da leitura submetido a rotina padronizada de memorizar e reproduzir.

Os trechos relatados indicam que o ensino da leitura para essas professoras-estudantes fez com que sua aprendizagem se constituísse numa carga incômoda, fazendo-as se sentirem incompetentes para se apropriarem de um instrumento fundamental. É muito difícil que alguém



encontre satisfação em algo que lhe causa desprazer, sofrimento, uma imagem desvalorizada de si mesmo. Aprender nessa perspectiva é algo que aprisiona e não um ato que liberta como deveria ser nessa fase da vida. Concordando com Freire “A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa” (1999, p.37).

Observa-se nos relatos marcas de um passado, um pouco distante, mas que ecoam nas lembranças, numa relação de professor castigando e punindo e aluno querendo aprender a ler e escrever, há relatos que falam das dificuldades enfrentadas pelos estudantes-professores no início da escolarização por falta de sensibilidade do professor no trato com os alunos, mostrando um desconhecimento do processo de desenvolvimento infantil e da construção das hipóteses de leitura pelas crianças. Todavia, contrapondo-se a essa maneira dolorosa de aprender, há relatos que destacam aspectos humanizantes sobre a forma como professores-estudantes adentraram o mundo da leitura, com a presença de um membro da família, considerando que o incentivo à leitura não é tarefa exclusiva da escola, o papel da família é fundamental. Focaliza-se a importância da oralidade na apropriação do sistema de escrita e no processo de alfabetizar letrando.

Nesse aspecto destaca-se o papel da contação de histórias como uma iniciativa relevante e válida, pois o ato de contar valoriza o texto e a interação oral e, ainda, auxilia o processo de compreensão da criança e revela a importância de iniciativas que estabeleçam associação da leitura com o prazer de ler. Observa-se nos relatos que alguns professores-estudantes tiveram contato com a literatura infantil, na infância de forma prazerosa em seus círculos familiares, ou com professores vivenciando experiências significativas em relação à leitura. É a afetividade entrando em cena quando se tem contato com a leitura de forma lúdica, através de brincadeiras e jogos com a mediação de um adulto que a estimula.

Os professores-estudantes reconstróem a sua aprendizagem nos cursos de formação quando revisitam a sua história de vida à luz dos conhecimentos construídos no curso. Daí a importância das narrativas como um elo entre a teoria e a prática já vivenciada como estudante e como professor, criando uma nova perspectiva de atuação para seu fazer pedagógico e possibilidades para refletir sobre os modos de aprender e os modos de ensinar.

### **Considerações finais**





Resgatar as memórias de leitura, nas narrativas de professores-estudantes em processo de formação inicial que já atuam, alguns por muitos anos, na sala de aula do Ensino Fundamental é um desafio pensar o processo ensino aprendizagem sob a ótica da pesquisa narrativa, foi uma experiência exitosa e desafiante, considerando que a ação reflexiva não nasce pronta, a partir de uma decisão isolada de um educador, ela é um processo tecido pelo engajamento, interação e atuação de educadores num trabalho coletivo.

A ação reflexiva constrói pontes entre os conhecimentos fragmentados pela especialização científica e didática e os saberes dos sujeitos envolvidos no ato de ensinar e aprender. Um novo olhar sobre a prática da leitura na escola é o que emerge desse trabalho, pois dessas recordações dos professores-estudantes do PARFOR é possível extrair elementos significativos que ajudam na construção de uma prática pedagógica diferenciada. Refletir e a valorizar os espaços de formação inicial e os sujeitos como construtores de suas histórias de vida e formação. Recordando as palavras de SMOLKA & MAGIOLINO (2010, p.39) “Mudam os saberes, mudam os suportes, mudam as práticas inscritas no corpo, mudam os gestos... Mudam os modos de ensinar e aprender. Mas parecem persistir nas práticas e na história humana, as relações de ensino”, que podem ser refletidas, a partir das vozes dos sujeitos como sugere SOUZA (2008), compreendendo a singularidade das narrativas de formação no processo de construção da identidade docente.

## Referências

- BRANDÃO, Márcia Maria. **Em busca da Formação do outro: caminhos alternativos**.
- FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Reflexões sobre Alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1989.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 23ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- GONÇALVES, Terezinha Valim Oliver. **Licenciatura Integrada em Educação em Ciências. Matemática e Linguagens: princípios e desafios para formação**; In: XVI ENDIPE, 2012. Campinas: Junqueira & Marin Editores. Livro 1, p. 165 – 181.
- JOSSO, Marrie-Cristhine. **Experiência de Vida e Formação**. São Paulo: Cortez, 2004.
- NÓVOA, Antônio. (org.). **Vida de Professores**. Porto: Porto Editora, 1992.
- SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre, ArtMed, 1998.
- SOMOLKA, M<sup>a</sup> Luiza Bustamonte e MAGIOLINO, Lavínia Lopes Salomão. **Coleção História da Pedagogia**, n. 2, Lev. Vygotsky. Publicação Especial da Revista Educação. Ed. Segmento, 2010.to



SOUZA, Elizeu Clementino de. **A Formação como processo de conhecimento: Histórias de vida e abordagem (auto) biográfica.** In: Mairce da Silva et al (Org). **Vozes da Educação: Memórias, histórias e formação de Educadores.** Petrópolis: DP ET Al; Rio de Janeiro: Faperj, 2008.